

# “O LUGAR DO SONHO”: HOMENAGEM A AILTON KRENAK

“THE DREAM PLACE”: TRIBUTE TO AILTON KRENAK

**Marco Antonio Valentim**

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. E-mail: mavalentim@gmail.com

---

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v2i1.76>

Recebido em: 12.07.2024

Aceito em: 26.7.2024

---

**Resumo:** Este breve ensaio pretende oferecer uma interpretação da imagem e do sentido do sonho no pensamento filosófico de Ailton Krenak. Para tanto, suas ideias são expostas e comparadas com as de Davi Kopenawa, xamã yanomami, e Plotino, filósofo alexandrino. Como conclusão, especula-se sobre a situação contemporânea do vínculo ancestral entre alma e cosmos.

**Palavras-chave:** sonho; alma; cosmos; terra; céu.

**Abstract:** This brief essay aims to offer an interpretation of the image and meaning of dream in the philosophical thought of Ailton Krenak. To this end, his ideas are exposed and compared with those of Davi Kopenawa, Yanomami shaman, and Plotinus, Alexandrian philosopher. As a conclusion, we speculate on the contemporary situation of the ancestral link between soul and cosmos.

**Keywords:** dream; soul; cosmos; earth; sky.

Se eles puderam sonhar com este mundo, nós podemos reverter a situação. Se acreditarmos. Se sonharmos. [...] Se um número suficiente de nós sonhar, se apenas mil de nós sonharem, poderemos mudar o mundo. Poderemos renová-lo em sonhos! [...] Sonhem! Sonhem com o mundo. Não com esta pálida sombra da realidade. Sonhem com o mundo do jeito que ele realmente é.

(Neil Gaiman, “Um sonho de mil gatos”).

Gostaria de comemorar a eleição de Ailton Krenak para a Academia Brasileira de Letras. Com sua eleição, faz-se justiça política e cultural à obra de um dos pensadores e escritores indígenas mais importantes no mundo contemporâneo. A dívida da sociedade brasileira com o seu espírito é imensa. Temos sorte.

Colocado nos termos de *Ideias para adiar o fim do mundo*, o tema que escolhi para esta comemoração é o “lugar do sonho” (Krenak 2019a: 65), desenvolvido especialmente em “Sonhos para adiar o fim do mundo”, de *A vida não é útil* (2020: 33-47).

Trata-se do sonho como lugar cósmico, além de estado psíquico. De fato, uma coisa não vai sem a outra: o sonho é a instância na qual alma e cosmos se tornam como que indiscerníveis.



Quando sonhamos, pensamos sem que sejamos sujeitos de nosso pensamento. Passamos a fazer parte de um mundo pensado por outrem. O mundo do sonho não coincide simplesmente com o nosso mundo; ele é o nosso mundo desde a perspectiva de outrem. Portanto, o sonho é uma experiência de transe: trânsito entre diferentes sujeitos e seus respectivos mundos.

Seria pouco dizer que o sonho é pensamento “inconsciente”. Seria negligenciar a parte de outrem no sonho, o fato de que todo sonho é compartilhado, coletivo. A “inconsciência” onírica resulta ser reflexo narcísico do que constitui um processo pluriconscente em que se inverte o desequilíbrio entre eu e outrem. A hiperconsciência de outrem se sobrepõe à autoconsciência, então deslocada de sua pretensa soberania. É como, por exemplo, pensa Bergson a respeito da noção plotiniana de consciência, tida como paradigmática do pensamento antigo grego-romano em sua síntese alexandrina:

Os Antigos não atribuíram à consciência e à pessoa a dignidade eminente que nós lhe atribuímos. É uma noção inteiramente moderna a de pôr o pensamento pessoal [subjetivo] no centro das coisas. Para os Antigos, a consciência é intermediária entre o inteligível [espiritual], que é hiperconsciente, e o sensível [anímico], que é inconsciente. Cf. *Enéada* V-9.7: “Não é porque o pensamento [*noésis*] pensa que a ideia [*eídos*] existe, é porque a ideia existe que o pensamento pensa”. A consciência é como que um acessório. Uma palavra a designa incessantemente: *parakoloutheta*, acompanhamento. [...] Para Plotino, a consciência é a atenuação de algo superior a ela [a saber, o espírito, *noús*]. Não é uma fosforescência que ilumina o movimento, é uma obscuridade, uma sombra que a ideia [forma do espírito] projeta abaixo de si (2019: 81).

O sonho é, pois, a forma do pensamento em sua atividade elementar: não intencionalidade ou consciência subjetiva de objetos, mas “acompanhamento” ou participação espiritual no ambiente cósmico. A experiência onírica não é apenas psicológica, mas sobretudo cosmológica: se, ao sonhar, a pessoa deixa de ser o sujeito exclusivo do próprio pensamento, ou seja, se o sonho é transe, é porque é trânsito extra- e intermundano. No sonho, as coordenadas espaço-temporais da experiência se dispõem estruturalmente de outra maneira, que nunca coincide de todo com a configuração estrutural do mundo “exterior” ao sonho. Sonhando, nós nos movemos através de tempos e espaços outros, participando de uma trama onírica coletiva: “Se houvesse apenas minha alma, minha alma seria o mundo inteiro; se eu não o crio, é que me encontro em presença de um sonho universal que desloca meu sonho” (Bergson 2019: 65).

Para falar com Pierre Hadot, o sonho é “viagem cósmica” (2019a: 59-72), tal como testemunham o “mito de Er”, do Livro X da *República* de Platão, e o “sonho de Cipião”, do Livro VI da *República* de Cícero. O primeiro narra o sonho como viagem da alma ao centro do cosmos, o “fuso da Necessidade”; é como ter ingressado no coração da “alma do mundo”, onde se tecem os destinos de todos os seres que o habitam. O segundo apresenta o sonho como transição anímica a um extremo sideral do cosmos; é como ter chegado à vastidão a partir da qual a Terra deixa de ser visível ou sequer lembrável, a esfera das “estrelas fixas” (*aplanês*). Porém, a diferença ou distância espaço-temporal percorrida em sonho não se mede, ou não apenas, em anos-luz. Estima-se sobretudo afetivamente, conforme nos sentimos menos familiarizados com nosso mundo e com a condição humana, tanto no sonho quanto fora dele (por exemplo, “aqui”).

Segundo Krenak, “o sonho é um lugar de veiculação de afetos [...] falo de como o sonho *afeta* o mundo sensível [...] Não há nenhum véu que o separa do cotidiano e o sonho emerge com

maravilhosa clareza” (2020: 37-38). Segundo Davi Kopenawa, “sonhar longe” é “entrar em estado de fantasma”, “virar espírito”, “*virar outro*”: no sonho, “nossos pensamentos crescem, caminham e se multiplicam ao longe, em todas as direções”; “para nós, [o sonho] é o verdadeiro modo de conseguir sabedoria” (Kopenawa & Albert 2015: 511). Logo, segundo ambos, a experiência onírica envolve metamorfose, deslocamento e multiplicação do espírito em sua viagem cósmica.

O que Kopenawa “vê” em sonho? No capítulo 22 de *A queda do céu*, “As flores do sonho”, lemos:

Enquanto os *xapiri* [espíritos] se apoderavam de minha imagem, eu também pude contemplar na noite tudo o que meus antepassados conheceram antes de mim. Vi *Omama* furar a terra com sua barra de ferro comprida para fazer surgir os rios e todos os seus peixes, jacarés e sucuris. Vi-o pescar sua mulher *Thuëyoma* e receber as plantas cultivadas de seu sogro, vindo do fundo das águas. Vi dançar a imagem de seu filho, quando se tornou o primeiro de nossos xamãs. Vi, quando a noite ainda não existia, nossos antepassados acenderem grandes fogueiras de folhas verdes, para poder copular ocultos pela fumaça. Vi os ancestrais animais fazendo Jacaré rir, para roubar o fogo que caiu de sua boca. Vi Formiga perder a sogra em sua imensa roça de milho. Vi a floresta queimar no primeiro tempo, até sobraem apenas campos onde as árvores não nascem mais. Também entrei várias vezes, desconfiado, nas casas abarrotadas de seres maléficos da floresta. Voei, apavorado, no grande vazio *wawëwawë a* que fica além da terra e do céu. Pude ver o espírito macaco-aranha, que chamamos de genro do sol, comer seus frutos de calor sem queimar a boca. Vi-o conter a queda do céu e jogar picos rochosos uns contra os outros para testar sua solidez. Vislumbrei na escuridão os espíritos morcego tremendo de frio enquanto roíam as beiras do céu e soprando em suas zarabatanas de feitiçaria. Vi o espírito do grande escaravelho *simotori* recortar o topo das montanhas para abrir suas roças. Ouvei os espíritos abelha tagarelando sem parar nas árvores, para defender a floresta. E vi também, na terra dos brancos, muito antes de ir até lá, as máquinas que correm sem pés de que me falavam os meus pais e avós (Kopenawa & Albert 2015: 464-465).

Esta é uma das muitas passagens do livro em que Kopenawa descreve suas expedições oníricas através das mais diversas, próximas e distantes, regiões cósmicas. Nesta, chama especial atenção o fato de que tais regiões incluem outros espaços (o “fundo das águas”, a “terra dos brancos”, o “grande vazio além da terra e do céu”) e outros tempos (“quando a noite ainda não existia”, “no primeiro tempo”, “muito antes de ir até lá”), assim como os mundos de várias entidades sobrenaturais (“meus antepassados”, Jacaré, Formiga, “seres maléficos da floresta”, o “espírito macaco-aranha”, os “espíritos morcego”, o “espírito do grande escaravelho”, os “espíritos abelha”, as “máquinas que correm sem pés”, ou seja, os nossos carros). Exorbitante, a viagem onírica de Kopenawa consiste em um trânsito através do ambiente cósmico constituído por diferentes mundos entrelaçados para sua conformação estável, o repouso da terra, ou catastrófica, a queda do céu.

Em um depoimento publicado em 2019, “Nossos mundos estão em guerra”, Krenak interpreta duas narrativas yanomami que, por sua exorbitância cosmológica, têm por pressuposto o sonho como experiência coletivamente compartilhada:

Na cosmologia yanomami, os *xapiri* são os espíritos que o xamã tem como auxiliares. Podem ser um beija-flor, um colibri, uma anta, uma onça, um macaco, uma flor, uma planta, um cipó – todos eles são gente e interagem com o xamã.

Esses seres fazem trocas, alianças, inventam e atravessam mundos; e, enquanto estão em movimento, movem tudo ao redor deles. Uma vez, ouvi de um xamá a seguinte história: Omama, o demiurgo dos Yanomami, tem um sobrinho que é genro do Sol. Aí, eu pensei: “Então os Yanomami têm parente no Sol? Alguém que é casado com gente da família do Sol? Eu preciso ter calma pra entender se esse sol de que ele está falando é o astro que está lá em cima, se é o Sol mesmo”. Com calma, fui explorando esse assunto até que ele confirmou que era mesmo o Sol. Eu achei maravilhosa essa história porque, para os Yanomami, existem seres que podem negociar com outras entidades, outras existências, outras cosmologias (2019b: 37-38).

Um xamá saiu dessa galáxia e foi para uma outra, totalmente descolada da nossa. Ele tentava voltar e não conseguia: entrou numa espécie de buraco de minhoca. Ficava mandando mensagens para cá, pedindo a ajuda de outros xamãs e dos pajés amigos dele. Ele dizia que tinha se extraviado e não conseguia achar as coordenadas daqui. Os xamãs tiveram um trabalho enorme para trazer ele de volta. Conseguiram, mas ele chegou defeituoso. Passou o resto da vida sentado no terreiro, sentado na canoa. Eles tinham que colocar ele no sol, tirar do sol. As pessoas ficavam conversando, e ele lá, no meio delas, quieto, enfiando gravetinho no chão. É muito perigoso entrar num desvio assim, não é? (2019b: 38).

Como interpreta Krenak ao narrar essas histórias, a viagem cósmica do espírito significa concretamente “fazer trocas, alianças” com entidades de outros mundos (desde o beija-flor até o Sol), bem como arriscar extraviar-se de seu próprio mundo para jamais retornar a ele (ou nunca conseguir fazê-lo por inteiro). As duas histórias demonstram que, devido à sua potência de hiperrealização, o sonho pode tanto fundar a socialidade cósmica quanto levar à sua dissolução. É este o caso da desmedida xamânica: entrar em um desvio onírico pode ser tão ou mais perigoso que decolar em um ônibus espacial... A distância espiritual entre a Terra e a Lua para os astronautas que a percorrem conscientemente resulta diminuta, se comparada à longitude cósmica que há entre os humanos e a “gente da família” do Sol (ou do beija-flor). Em vez de quilômetros em quantidade, o decisivo aqui é a diferença qualitativa de perspectivas. Não ocorrendo mudança radical de perspectiva, ou seja, transformação espiritual concomitante de si e do mundo, não há propriamente viagem cósmica. Pode-se ir espacialmente da Terra à Lua sem jamais sair de si mesmo, mas também atravessar instantaneamente um abismo entre regiões do cosmos sem se mover um metro sequer. É o que testemunha exemplar um grande xamá, viajante cósmico, alexandrino:

Às vezes, despertando do sono do corpo para retornar a mim e desviando minha atenção das coisas exteriores para concentrá-la em mim mesmo, percebo uma admirável beleza e reconheço uma nobre condição: pois vivo então uma vida excelente, me identifico com o deus e, nele assentado, chego ao ato que me eleva acima de todo pensamento. Porém, quando, após ter repousado assim na divindade, desço do espírito à razão, pergunto-me, perplexo, como posso descer de fato e como minha alma pôde uma vez adentrar um corpo, visto que, como quer que nele seja realmente, ela possui em si toda a perfeição que aí descubro (Plotin 1981: 477; IV-8.1.)

No sonho de Plotino, a diferença entre corpo e alma corresponde à distância abissal entre “cosmos sensível” (mundo dos viventes animais) e “cosmos inteligível” (mundo dos viventes espirituais). Comparada à desventura do xamá yanomami narrada por Krenak, a sua perplexidade mística poderia, talvez, ser assim entendida: “Se estava lá, no próprio deus, e agora de repente me

encontro aqui, no corpo, como aconteceu de não ter me perdido por completo nessa passagem cósmica?” Estamos diante de concepções cosmológicas oriundas de mundos bastante diversos e distantes, a Amazônia indígena e o Mediterrâneo alexandrino, e que, apesar de sua distância aparentemente intransponível, evidenciam uma orientação espiritual em comum, a de que a alma é, mesmo que parcialmente, coextensiva ao cosmos.

(Inclusive, ao imaginar a passagem entre mundos tão diferentes, estamos agora mesmo, em alguma medida, sonhando.)

Em ambos os casos, embora a exceda, o cosmos é intrínseco à alma: “O universo está distribuído em residências puras e impuras através das quais a alma sobe e desce; a vida interior da alma é solidária da localidade que ela habita” (Bréhier 1968: 35). Tal solidariedade entre vida anímica e lugar cósmico implica ao menos duas condições: (i) que há homologia estrutural entre alma e cosmos, visto que o cosmos é formado pela rede de caminhos anímicos; (ii) que o sonho, isto é, a “vida interior da alma” corresponde à experiência pela qual ela mora em alguma parte da totalidade cósmica.

Esta dupla condição é explícita no discurso de Ailton Krenak. Ao concluir “Sonhos para adiar o fim do mundo”, ele afirma a necessidade inescapável de “sonhar outros sonhos” a fim de que habitemos um (outro) mundo em que a alienação cósmica da “humanidade que pensamos” seja subvertida:

Quando pensamos na possibilidade de um tempo além deste, estamos sonhando com um mundo onde nós, humanos, teremos que estar reconfigurados para podermos circular. Vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele podermos habitar (2020: 47).

Eis a sua ideia ecocosmológica talvez mais importante: o sonho como potência espiritual de configuração e transfiguração do ambiente cósmico. Sonhamos para habitar o cosmos, adaptando-nos a ele, mediante troca metabólica, para torná-lo habitável. O próprio cosmos é sonhado, ou seja, constituído pelo entrelaçamento coletivo dos sonhos dos seres que o habitam. Seus habitantes são primordial e ancestralmente sonhadores, seres espiritualmente ativos. Como explica Kopenawa, Omama – “demiurgo” yanomami, operador das transformações que geraram a configuração atual da “terra-floresta” – “era um grande sonhador” (Kopenawa & Albert 2015: 463).

É em vista de tudo isso que Krenak fala do “lugar do sonho”, ou seja, do nexos entre sonho e lugar, do sonho como lugar e, até mesmo, do lugar como sonho. No final de *Ideias para adiar o fim do mundo*, lemos que o sonho é: (i) “um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura”; (ii) “uma experiência transcendente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada”; (iii) “outra palavra para o que costumamos chamar de natureza” – “lugar” que está “em conexão com o mundo que partilhamos”, que “não é um mundo paralelo, mas que tem uma potência diferente” (2019a: 65-67). O sonho é, ao mesmo tempo, ecossistema habitável, metamorfose vivida e força cosmogônica. Krenak fala ainda de “nossa integridade, nossa ligação cósmica” por meio do sonho: “Estamos andando aqui na Terra, mas andamos por outros lugares também. [...] Andamos em constelação” (2020: 39). A viagem cósmica do espírito acontece em múltiplas direções simultâneas. Nunca se está em um único e

mesmo lugar: “As almas são necessariamente como ‘anfíbios’: elas vivem em parte a vida de lá e em parte a vida daqui” (Plotino *apud* Hadot 2019b: 80; IV-8.4).

De fato, a experiência e a perspectiva oníricas de Krenak são bastante concretas: “Na época eu ouvia os velhos como um espectador. Até que comecei a ter os mesmos sonhos premonitórios [...] Desde aquela época, experiencio o sentido do sonho como instituição que prepara as pessoas para se relacionarem com o cotidiano” (2020: 36-37). Tal cotidiano é caracterizado pelo desmatamento massivo, pela “revolta dos rios”, pelo extermínio da caça, pelo esbulho territorial: a “invasão do agronegócio” (2020: 37). O seu sonho é atravessado pela urgência catastrófica de sua própria situação cósmica enquanto pessoa coletiva. Da alma, através da memória, ao cosmos:

[“Receber sonhos”, 1989:] O sonho é o instante em que nós estamos conversando e ouvindo os nossos motivos, os nossos sábios, que não transitam aqui nesta realidade. É um instante de conhecimento que não coexiste com este tempo aqui. [...] A minha vida toda [...] Nos fundamentos da tradição não há a palavra vazia. Os fundamentos da tradição são como o esteio do universo. A memória desses fundamentos não é uma coisa decifrável. [...] O que o meu tataravô e todos os nossos antigos puderam experimentar passa pelo sonho para a minha geração. Tenho o compromisso de manter o leito do sonho preservado para os meus netos. E os meus netos terão de fazer isso para as gerações futuras. Isso é a memória da criação do mundo. Então, não decifro sonhos. Eu recebo sonhos. O leito de um rio não decifra a água, ele recebe a água do rio (Krenak 2015: 93-94).

[“O rio da memória”, 2008:] Eu vou viajando e entrando nos mananciais de visões e presentes que são essas histórias antigas, que são as visões que são os nossos avôs, os nossos bisavôs, os nossos antepassados deixaram para a gente. Aí é muito legal. Porque o igarapé que aquele menino bate peneira está ligado com o rio de memória muito grande, que é o rio de memória que os mais velhos foram contando para a gente, compartilhando com a gente, ensinando. Os modelos, sabe? A resolução das coisas (2015: 195).

[“Eu e minhas circunstâncias”, 2013:] Em cima deste céu tem outro céu e depois daquele tem um outro céu sem estrelas. E tem outro céu e outro e outro, e outro. Essa terra que a gente vive nela agora pode ter sido um céu, foi um céu em algum momento, ela caiu e nós estamos aqui nessa plataforma, é céu também. Aí ela pode cair e isso virar um céu. Essa perspectiva de a gente estar habitando céus, a gente só não experimenta porque a gente ainda não realizou toda a beleza e potência que o céu tem, aí ele cai e a gente fica numa outra paisagem que a gente vai ter que trabalhar, trabalhar, trabalhar para criar, evocar essa beleza de novo, fazer ela pairar. A hora que ela estiver pairando, sendo capaz de se constituir nessa coleção de céus, aí ela vai ser céu, nem que seja por um instante. Aí vem aquela coisa de dançar, botar os cocares e dançar para manter o céu suspenso. Aí alguém fala: “Mas é na ponta daquelas plumas, aquelas coisas tão... Como aquilo vai... Como são infantis”. Não é infantil! Isso é o pensamento mágico! É ele que permite que as plumas sustentem o céu. Ou que cantar suspenda o céu. Essa mágica de restabelecer o dom dos humanos, devolver para a humanidade essa potência de suspender o céu, de fazer a terra se mover, as montanhas falarem, isso é resgatar o sentido cósmico da vida. É a cosmovisão, viver dentro da coisa. Não é só verbalizar, mas viver dentro dela. Isso é maravilhoso, porque abre a possibilidade para nós, humanos, de recriarmos o mundo (2015: 257-258).

Krenak diz que a sua “vida toda” é atravessada pela “memória da criação do mundo”, a qual, por sua vez, constitui os “fundamentos da tradição” ancestral. Diz também que o “rio da

memória” contém, graças à sua imensidão, os “modelos”, a “resolução das coisas”; é a tradição ancestral. “Memória dos nossos antepassados”, ela consiste no mundo dos espíritos enquanto fonte e base perenes da atualidade cósmica: “O cotidiano era uma extensão do sonho. As relações e contratos tecidos no mundo dos sonhos continuavam tendo sentido depois de acordar” (2020: 46). Por fim, afirma que o “mundo em que vivemos agora” é determinado fundamentalmente pela existência efetiva de “outros céus”, sendo uma “coleção de céus”.

Em suma, a continuidade estrutural entre existência pessoal e ambiente cósmico é garantida pela memória ancestral enquanto coletividade espiritual. O resgate da memória restaura o “sentido cósmico da vida”, pois é, sobretudo, “cosmovisão”. Trata-se, mais uma vez, do sonho como ativação da vida e do espírito coletivos em escala cósmica. Abole-se aqui a falsa desproporção entre a pessoa como fragmento alienado da existência em comum e o cosmos como imensidão infinitamente afastada do presente existencial.

Ainda mais importante é a consequência que o resgate da memória ancestral acarreta, segundo Krenak: “a possibilidade para nós, humanos, de recriarmos o mundo”. O sonho é a agência cósmica do pensamento. Cosmurgia.

É esta ideia do sonho que embasa a “esperança fantástica, promissora” de Krenak (2020: 47) na regeneração da Terra viva, afetada pela catástrofe ecológica. Se ideias podem “adiar o fim do mundo”, sonhos podem ainda mais: “recriá-lo”, transformá-lo, transmutando a configuração da relação entre humanidade e Terra presidida pelo pesadelo capitalista por uma outra, oriunda da memória ancestral dos povos terrenos e das espécies vivas. Diz Krenak: “Nosso sonho coletivo de mundo e a inserção da humanidade na biosfera terão que se dar de outra maneira. Nós podemos habitar este planeta, mas terá de ser de outro jeito” (2020: 44). Se é pelo sonho que podemos nos mover através do cosmos, é também pelo sonho que, abandonando nosso atual estado de alienação cósmica, poderemos tornar a habitá-lo. Pois o mundo é um “sonho coletivo” moldável pela potência cosmúrgica da imaginação de todos os seus habitantes, sem exceção.

Sonhemos então com o mundo “do jeito que ele realmente é”, onde ele realmente está – porque jamais poderia estar aqui, se também não estivesse lá: fora do Capital, entre a Terra e o Céu.

## Referências

BERGSON, Henri. 2019. *Cursos sobre a filosofia grega*. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes.

BŔEHIER, Émile. 1968. *La philosophie de Plotin*. Paris: Vrin.

HADOT, Pierre. 2019a. *Não se esqueça de viver: Goethe e a tradição dos exercícios espirituais*. Tradução de Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: É Realizações.

HADOT, Pierre. 2019b. *Plotino ou a simplicidade do olhar*. Tradução de Loraine Oliveira e Flavio Fontenelle Loque. São Paulo: É Realizações.

KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. 2015. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.

KRENAK, Ailton. 2015. *Encontros*. Organização de Sergio Cohn. Rio de Janeiro: Azougue Editorial.

KRENAK, Ailton. 2019a. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

KRENAK, Ailton. 2019b. “Nossos mundos estão em guerra”. Depoimento a José Eduardo Gonçalves e Maurício Meirelles. *Olympio*, 2, Dezembro de 2019. Belo Horizonte: Miguilim, pp. 18-41.

KRENAK, Ailton. 2020. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras.

PLOTIN. 1981. *Les Ennéades*. Tome deuxième. Traduit par M.-N. Bouillet. Paris: Vrin.